

Polášek, Metoděj

Concordância negativa em português e a sue evolução

Études romanes de Brno. 2010, vol. 31, iss. 2, pp. [193]-207

ISSN 1803-7399 (print); ISSN 2336-4416 (online)

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/114872>

Access Date: 04. 12. 2024

Version: 20220831

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

METODĚJ POLÁŠEK

CONCORDÂNCIA NEGATIVA EM PORTUGUÊS E A SUA EVOLUÇÃO

Esta comunicação tem por objectivo introduzir o fenómeno da concordância negativa em Português Padrão Contemporâneo no contexto do seu antecedente diacrónico (Português Arcaico e das novas tendências da negação sentencial no Português Brasileiro Coloquial. Seguiremos a evolução da concordância negativa em português sobretudo quanto à posição do marcador da negação sentencial assim como a sua relação com os indefinidos negativos na frase. Para explicar a razão da gramaticalidade ou agramaticalidade de estruturas sentencionais sujeitas à concordância negativa adoptámos a recente teoria sintáctica generativista da concordância negativa de Zeijlstra e Penka.

Interpretação de múltipla negação

Do ponto de vista da interpretação de múltipla negação as línguas dividem-se, conforme a tipologia geralmente adoptada, em dois grupos básicos: línguas de Concordância Negativa (Negative Concord languages), chamemo-las NC línguas, e línguas de Dupla Negação (Double Negation languages) ou seja DN línguas. A Concordância Negativa quer dizer que caso uma oração contenha duas ou mais unidades negativas, a sua interpretação é negativa, portanto as unidades negativas não se neutralizam mutuamente. É uma característica comum a todas as línguas da família eslava, incluindo russo ou checo, assim como para grande parte dos idiomas românicos, do português e italiano entre outros.

- (1) Não devemos permitir nada.
Neg devemos permitir n-coisa.

As línguas germânicas, por exemplo o alemão, inglês ou holandês pertencem ao segundo grupo: ao grupo de DN línguas. O termo Dupla Negação já parcialmente explica a interpretação de múltipla negação nas respectivas línguas: duas ou mais unidades negativas neutralizam-se mutuamente gerando assim uma in-

interpretação positiva. Para que a oração em questão tenha um resultado negativo admite-se apenas uma unidade negativa como no exemplo (3).

- (2) We should not allow nothing.
Neg devemos permitir n-coisa.
'Devemos permitir alguma coisa.'
- (3) We shouldn't allow anything.
Neg devemos permitir alguma coisa.
'Não devemos permitir nada.'

Deixemos agora DN línguas de lado e voltemos a NC línguas que representam de facto um grupo muito heterogéneo. Esta heterogeneidade consiste pois em regras que permitem a co-ocorrência de duas ou mais unidades negativas numa oração. São as seguintes, as unidades que contam para os motivos da Concordância Negativa no Português Padrão Contemporâneo (PPC):

- Os marcadores de negação que exprimem a negação frásica. É o marcador de negação fundamental *não* assim como *nem* que ocorre sobretudo em frases coordenadas. Matos (2003) acrescenta ainda *sem*.
- As palavras negativas ou n-words. O termo n-words foi introduzido por Laka em 1990 para designar os quantificadores negativos ou melhor os indefinidos negativos com um estatuto quantificador variável que são sintacticamente marcados como negativos. Isto quer dizer que não introduzem negação necessariamente em todas as circunstâncias¹ mas apenas em particulares estruturas sintáticas (Zeijlstra 2004). É o caso de *ninguém*, *nenhum*, *nada* e *nunca*. Além disso, o português apresenta um caso muito especial de n-word, que não parece ter qualquer equivalência em outras línguas românicas – *algum*. Este é interpretado como negativo sempre que na forma do singular em posição pós-nominal.

- (4) Pessoa *alguma* gosta de ser maltratada.
'Ninguém gosta de ser maltratado.'

As unidades negativas que não legitimam Concordância Negativa são:

- As unidades de negação sintagmática que não podem concordar com a negação frásica por o seu domínio negativo ser autónomo e o seu escopo ser diferente. Uma possível co-ocorrência destes dois tipos de elementos nega-

¹ Isto no acontece em todas as línguas. Há quantificadores chamados *verdadeiros quantificadores negativos?* (por exemplo *nothing* em inglês ou *niets* em holandês) que introduzem a negação sempre em qualquer contexto sintático que seja.

tivos numa oração resulta em interpretações da Negação Dupla. Os exemplos abaixo apresentados (5-8) foram tirados de Matos (2003).

- (5) A Paula não sai sem a filha.
A Paula neg sai neg a filha.
'A Paula (só) sai com a filha.'
- (6) Eles não vão não prestar atenção a esse assunto.
Eles neg vão neg prestar atenção a esse assunto.
'Eles vão prestar atenção a esse assunto.'
- Os elementos da negação quase-afixal e afixal. Há portanto um grande contraste entre o comportamento sintáctico da negação prefixal em PPC oriunda de prefixos latinos *in-/des-* e aquele baseado em prefixos negativos eslavónicos, mencionemos como exemplo o *ne-* checo (9). Isto porque a negação afixal checa é sujeita à Concordância Negativa, constituindo até o núcleo de NegP (categoria funcional de negação sentencial). As construções ditas agramaticais serão introduzidas pelo sinal diacrítico '*'.
- (7) * O pessoal *não*-docente compareceu a nenhuma reunião.
- (8) * O orçamento previsto *inviabilizou* nenhum projecto.
- (9) Daný rozpočet *neumožnil* žádný projekt.
O orçamento previsto neg viabilizou n-um projecto.
'O orçamento previsto não viabilizou nenhum projecto.'

Uma parte de NC línguas, chamada strict NC línguas (línguas da Concordância Negativa estrita), como por exemplo as línguas eslavónicas, mostram-se menos sensíveis à posição de n-words na frase. Seguem-se duas versões de uma frase checa (10 e 11), ambas aceitáveis para a norma do checo padrão.

- (10) *Nikdo neřiká nic*.
N-pessoa neg diz n-coisa.
'Ninguém não diz nada.'
- (11) *Nikdo nic neřiká*.
N-pessoa n-coisa neg diz.
'Ninguém não diz nada.'

A outra parte de NC línguas chamamos non-strict NC línguas (línguas de Concordância Negativa não estrita). Estas línguas, como por exemplo a maior parte dos idiomas românicos, comportam-se da mesma maneira como strict NC línguas caso uma n-word estiver colocada em posição pós-verbal: o verbo é obrigatoriamente precedido por um marcador de negação. No entanto, se a respectiva n-word estiver situada na posição pré-verbal, a presença de um marcador de negação prejudicaria a gramaticalidade da frase. Penka admite a combinação de um indefinido pré-verbal de negação (pre-verbal n-word) com um marcador de

negação apenas num caso muito especial: o marcador de negação adopta a interpretação de Negação Dupla (não sujeita a Concordância Negativa) quando o indefinido de negação é prominente na entoação e o contexto o torna possível. Assim, a frase italiana (12) seria aceitável como uma resposta negativa a uma pergunta que envolve negação (Penka, 2007: 21).

- (12) – Chi non ha mangiato?
 – *NESSUNO* non ha mangiato.
 N-pessoa neg comeu.
 ‘Ninguém não comeu.’

Pereira de Abreu (1998) emprega o termo constituinte negativo com traço negativo forte (abreviado adiante como constituinte negativo forte) para denominar os marcadores de negação e as n-words pré-verbais; e o termo constituinte negativo com traço negativo fraco (abreviado adiante como constituinte negativo fraco) para as restantes unidades negativas². Esta divisão baseia-se em Zanuttini (1994) que pressupõe que os constituintes negativos fortes são base-gerados no núcleo de NegP que representa uma projecção funcional de negação frásica contrariamente aos constituintes negativos fracos que são de género diferente³. Esta divisão mostra-se aplicável apenas para a classificação de unidades negativas em non-strict NC línguas, uma vez que ela reflecte o estatuto de elementos negativos neste tipo de idiomas. A co-ocorrência de uma n-word pré-verbal com um marcador de negação (13) não é visto como gramatical, como já foi dito. Por outro lado, não é aceitável que as n-words pós-verbais ocorram independentemente (daí que os entendemos como fracos) sem a presença das chamadas unidades negativas fortes (14). O exemplo (15) demonstra que duas n-words podem ocupar a posição à esquerda do verbo ao mesmo tempo.

O PPC pode ser visto como um exemplo-modelo de non-strict NC línguas, pelo menos na perspectiva de interpretação de múltipla negação. Seguem-se alguns exemplos de Matos (2003), onde os constituintes negativos fortes estão marcados em negrito.

- (13) Ninguém diz nada nunca.
N-pessoa diz n-coisa n-tempo.
 * Ninguém não diz nada nunca.
 (14) Ele não cumprimentou ninguém.

² Esta divisão forte-fraco aparece também em Zeijlstra (2004) mas aplicada apenas para os marcadores de negação e com interpretação diferente: os marcadores de negação fortes não se juntam a V_{fin} (forma finita de verbo) e são base-gerados no núcleo de NegP (aplicável a idiomas como português ou italiano); os marcadores de negação fracos ligam-se a V_{fin} e são base-gerados na posição adjunta a V_{fin} (como em checo e em outras línguas eslavas).

³ Pereira de Abreu afirma que os constituintes negativos com traço negativo fraco são especificados em Logical Form como o Programa Minimalista denomina a interpretação de estrutura depois de Spell-Out.

Ele **neg** cumprimentou n-pessoa.

* Ele cumprimentou ninguém.

(15) Nunca ninguém viu esse espetáculo.

N-tempo n-pessoa viu esse espetáculo.

O Português Arcaico (PA) admitia, contrariamente a PPC, uma combinação de n-word antecedente o verbo e do marcador de negação *nom / nō / nã* a acompanhar o verbo. Nunes (1989) arguiu que isto foi opcionalmente possível no Português Medieval. Dias (1918) também trata brevemente este fenómeno na sua monografia sobre a sintaxe arcaica portuguesa pondo-o em relação com um outro fenómeno: a ocorrência de dois marcadores de negação *nem – nã* em construções enfáticas onde o objecto precede o verbo (18). Dias não especifica datas de ocorrência destes fenómenos no entanto serve-se de uma frase de Gil Vicente (1465–1537) como exemplo. Analisámos portanto as versões originais das obras dramáticas deste autor e chegámos à conclusão de que eram bastante comuns na primeira metade do século XVI, sendo no entanto a sua ocorrência longe de ser regular.

(16) Já ninguém não se preza da vitória em se salvar!⁴

Já n-pessoa neg se preza da vitória em se salvar!

‘Já ninguém se preza da vitória em se salvar!’

(17) Nenhum velho não tem siso natural.⁵

N-um velho neg tem siso natural.

‘Nenhum velho tem siso natural.’

(18) Nem as cabras não nas vi...⁶

Neg as cabras neg as vi...

‘Nem vim as cabras...’

Como Zeijlstra (2004) põe em destaque é crucial que non strict NC línguas não admitam a combinação de n-word pré-verbal com verbo negado. Desta perspectiva, caso consideremos a incompatibilidade de n-word pré-verbal com verbo como critério único, o PA parece ser antes uma strict do que uma non-strict NC língua.

Imperativos negativos

Não obstante, há ainda outras características que as non-strict NC línguas têm em comum..Uma delas consiste na agramaticalidade de verdadeiros imperativos negativos. Isto quer dizer que as non-strict NC línguas recorrem obrigatoriamente

⁴ VICENTE, Gil. *Auto da Alma*.

⁵ VICENTE, Gil. *O Velho da Horta*.

⁶ VICENTE, Gil. *Auto da Mofina Mendes*.

a construções de substituição para suprimir a negação de formas do modo imperativo a qual não é admitida. O PPC e algumas outras línguas românicas⁷ optam pelo modo conjuntivo. Zeijlstra (2004) chegou à conclusão geral de que as non-strict NC línguas impedem sempre verdadeiros imperativos negativos, devido às propriedades sintáticas de marcador de negação. Sempre que o marcador de negação é base-gerado em NegP como portador de semântica de negação, os verdadeiros imperativos não se admitem. Isto resulta do escopo da própria força imperativa e da negação. Se a negação de verbo assume o carácter de portador de semântica negativa (sendo sintacticamente o núcleo de NegP) em construções imperativas, deve seguir o verbo para ForceP pela adjunção de núcleos⁸. É neste caso, que a força ilocucional da frase é negada. Em strict NC línguas, como explicaremos mais adiante, a morfologia da negação verbal serve apenas para assinalar o operador semântico oculto, que é locus da semântica de negação.

Zeijlstra nota que todas as non-strict NC línguas impedem verdadeiros imperativos negativos, não ignorando que esta generalização não funciona em sentido inverso (falamos portanto de um corelação unidireccional): há línguas que impedem verdadeiros imperativos negativos e ao mesmo tempo não pertencem à categoria de non-strict NC línguas⁹.

Se observamos o PPC mais detalhadamente reparamos que a(a)gramaticalidade de verdadeiros imperativos negativos pode ser determinada apenas nas formas verbais da 2ª pessoa do singular e do plural. As restantes pessoas recorrem a formas do conjuntivo para exprimir o imperativo positivo assim como negativo. A situação é idêntica no PA: Gil Vicente usa construções de substituição regularmente para formas imperativas da 2ª pessoa do singular e do plural.

- (19) Não digas mal da feira...¹⁰
 Neg dizer (2SG.CONJ) mal da feira...
- (20) Escutai bem, não durmais!¹¹
 Escutar (2PL.IMP) bem, neg dormir (2PL.SUBJ).

Neste aspecto, o PPC e o PA não se distinguem: eles não violam a regra de agramaticalidade de verdadeiros imperativos negativos.

⁷ Conforme Zeijlstra (2004) é o caso do italiano e do espanhol; o francês e o romeno encontraram outros meios como distinguir verdadeiros imperativos negativos dos não verdadeiros.

⁸ ForceP é uma categoria funcional ocupada por elementos que caracterizam a força ilocucional da frase, por exemplo por conjunções subordinadas que alteram a distribuição de toda a frase. Muitos sintacticistas são de opinião de que os imperativos sobem para ForceP. Como se trata de duas categorias funcionais, falamos de adjunção dos seus núcleos.

⁹ Zeijlstra menciona grego, romeno, húngaro, hebraico, catalão, francês e inglês como exemplos de idiomas que impedem verdadeiros imperativos negativos e ao mesmo tempo não são non-strict NC línguas.

¹⁰ VICENTE, Gil. *Auto da Barca do Inferno*.

¹¹ VICENTE, Gil. *Auto da Mofina Mendes*.

Conclusões tiradas acerca de negação frásica no Português Arcaico

Se levamos em conta tudo o que tem sido dito acerca da interpretação de múltipla negação e de imperativos negativos no PA apercebemo-nos logo que temos a ver com uma língua com tendências à primeira vista contraditórias. Não podemos dizer que se trata de uma non-strict NC língua, antes de uma strict NC língua que impede verdadeiros imperativos negativos. Esta afirmação pode ser só feita à condição de ignorarmos o facto de as peças dramáticas de Gil Vicente conterem, além de estruturas frásicas de negação típicas para as strict NC línguas, também diferente tipo de estruturas, próprias a strict NC línguas, ao PPC por exemplo.

A irregularidade de co-ocorrência de verbo negado com n-words pré-verbais na obra de Gil Vicente tem conforme a nossa hipótese a seguinte explicação: o PA representa um estado diacrónico do português na evolução de strict NC línguas¹² para non-strict NC línguas onde o uso de unidades negativas ainda não é fixa e a tipologia de línguas sujeitas à Concordância Negativa ainda não é elaborada de tal maneira que possa permitir uma classificação de todas as fases diacrónicas na evolução de línguas.

É de mencionar que o PA não é único caso de um estado diacrónico de uma língua contemporânea que mostra ocorrências irregulares de marcador de negação precedendo o verbo. Dočekal (2010), na sua descrição de sistema de negação do Velho Esloveno Eclesiástico, o predecessor do Checo Contemporâneo analisa um fenómeno analógico. O Velho Esloveno Eclesiástico pode, tal como o PA, ser visto como uma fase transitória, no entanto, na direcção oposta da evolução: de non-strict para strict NC línguas. Parece que, a regra que diz que o marcador de negação deve ou não pode preceder o verbo, quando este segue um ou mais n-words não é autoevidente e foi estabelecida relativamente tarde na evolução diacrónica do português e do checo (embora muito mais cedo neste caso). É de esperar que a transformação de uma strict para uma non-strict NC língua não se limite ao português e ao checo e que também outras línguas tenham seguido tal evolução, num dos sentidos acima mencionados.

Outra explicação possível é que a norma de gramaticalidade de negação frásica já existia no tempo de Gil Vicente e que o uso de verbos negados com n-words pré-verbais servia de indicador de um grupo social com pouca ou nenhuma instrução em contraste com indivíduos mais instruídos, que neste tipo de construções omitiam marcadores de negação. No entanto somos de opinião que esta interpretação não é válida uma vez que as construções de negação frásica que podiam ser vistas como incorrectas foram encontradas em diálogos de personagens, como por exemplo de anjos. Além disso, estamos certos de que este fenómeno não se limita à obra de Gil Vicente.

¹² Só sob a condição de que realmente existia um estágio em que o PA sempre se comportava como uma strict NC língua e não admitia as estruturas próprias a strict NC línguas. Nós podemos apenas tomá-lo por modelo porque não conseguimos recolher provas da sua existência no passado.

Teoria sintáctica de Concordância Negativa

Como explica, a recente teoria sintáctica o comportamento de unidades negativas em non-strict NC línguas em contexto de todas as NC línguas? A abordagem mais recente é de Zeijlstra (2004) e de Penka (2007). Ela propõe uma explicação de gramaticalidade de certas estruturas sintácticas negativas e de agramaticalidade de outras, baseando-se em semântica formal e parcialmente em algumas ferramentas da versão actual da Gramática Generativista chamada Programa Minimalista. O princípio consiste na afirmação que a Concordância Negativa é uma forma de acordo sintáctico em termos de checagem de traços morfológicos da frase: os constituintes negativos sujeitos à Concordância Negativa são abordados como semanticamente non-negativos¹³, isto quer dizer que são portadores de um traço ininterpretável (uninterpretable feature) [uNEG] que deve ser checado contra um elemento com um traço interpretável (interpretable feature) [iNEG]. Este elemento deve sempre ser semanticamente interpretado como negativo mas não vem sempre expresso morfo-fonologicamente, como veremos mais adiante. As non-strict NC línguas são específicas pelo facto de o marcador geral de negação (*não* em Português) ser base-gerado em núcleo de NegP e trazer sempre o traço interpretável [iNEG], contra o qual os restantes elementos negativos da frase devem ser checados. Quer dizer que, o marcador de negação precedendo o verbo está obrigatoriamente expresso, para poder licenciar qualquer constituinte negativo fraco (n-words pós-verbais) como no exemplo (21). Devido ao princípio minimalista de economia cada frase contém apenas um¹⁴ traço [iNEG], que pode licenciar vários traços [uNEG] simultaneamente.

(21) Ele não_[iNEG] diz nada_[uNEG] a ninguém_[uNEG].

O traço [iNEG] carregado pelo marcador de negação é denominado overt. O traço interpretável também pode ter uma natureza diferente: pode estar presente apesar de não existir nenhum elemento morfo-sintáctico que possa trazê-lo. Neste caso falamos de um traço [iNEG] covert (escondido) carregado por um operador negativo abstracto, marcado como Op_{-} . A função desta unidade é precisamente de licenciar n-words em alguns contextos restritos onde o licenciador de tipo overt, então um marcador de negação, não está à disposição.

(15) Op_{-} _[iNEG] nunca_[uNEG] ninguém_[uNEG] viu esse espetáculo.

¹³ A negação semântica significa que cada unidade negativa corresponde a um operador negativo na proporção 1:1. (Zeijlstra, 2004).

¹⁴ Só não contém nenhum traço [iNEG] quando não há traços [uNEG] na frase para serem licenciados; há casos muito específicos em que se admite a presença de dois traços [iNEG] – veja o exemplo (12) – os traços ininterpretáveis neutralizam-se mutuamente assim como é habitual em DN línguas.

Se um licenciador de tipo overt estivesse adicionado à frase (15), o resultado seria uma contradição do princípio de economicidade: o [iNEG] seria presente duas vezes. A razão porque o traço [iNEG] covert substitui o traço [iNEG] overt neste tipo de negação frásica nas non-strict NC línguas já não é tão evidente à primeira vista e tem a sua explicação na posição do operador [iNEG] dentro da árvore de estrutura sintáctica. O elemento que traz o traço [iNEG], mesmo se fosse um Op_{\neg} , deve c-comandar¹⁵ o elemento com o traço [uNEG], por outras palavras tem que estar numa posição mais alta na árvore sintáctica (mais à esquerda na ordem linear da frase) para poder licenciá-lo. Assim o marcador de negação na frase (15b) não é capaz de c-commandar *nunca* e *ninguém* por serem colocadas à esquerda dele. É por isso que o traço [uNEG] que estas n-words trazem não pode ser checado contra o traço [iNEG] e toda a frase deve ser vista como agramatical.

(15b) * *Nunca*_[uNEG] *ninguém*_[uNEG] *não*_[iNEG] viu esse espetáculo.

Além disso, a realização morfo-fonética do operador overt não poderia contribuir para a interpretação da frase neste caso. É por isso que está presente sob a forma de um Op_{\neg} (à semelhança de strict NC línguas onde o marcador de negação é suposto de trazer um traço [uNEG]). A substituição de um operador [iNEG] overt por um [iNEG] covert é legitimado apenas em frases de tipo (15) e nunca em outros casos, como por exemplo em (21) onde não é sintacticamente exigido e é portanto ilegítimo. Além de tudo, a frase (21) sem o marcador de negação expresso poderia causar interpretações ambíguas.

Como foi exposto, o PA comporta-se como uma strict NC língua, fazendo com que a frase (16), estruturalmente quase idêntica a (15b) seja aceitável. Isto implicaria obviamente um problema sério para a teoria de Zeijlstra e Penka se o estatuto semântico do marcador de negação frásica se tivesse de manter igual. No entanto, Zeijlstra salienta que o marcador de negação tem um estatuto de interpretabilidade diferente nas strict NC línguas: não é semanticamente negativo e daí não é capaz de licenciar outras unidades negativas na frase – n-words a trazer o traço [uNEG]. A teoria estipula que o marcador de negação *não* traz o traço [uNEG] e que apenas assinala a presença do operador negativo abstracto Op_{\neg} assim como outros elementos negativos. A fim de poder ser interpretado como semanticamente negativo, o marcador de negação tem que ser checado contra o operador covert.

(16) Op_{\neg} _[iNEG] já *ninguém*_[uNEG] *não*_[uNEG] se preza da vitória em se salvar!

¹⁵ α c-commanda β se cada frase que contém α contém também β e ao mesmo tempo α não contém β (Johnson, 2004).

Se a teoria é válida também para o PA (nós contamos naturalmente com a sua aplicabilidade universal) restam-nos ainda duas dúvidas que tentaremos esclarecer numa futura comunicação.

1. Qual é a razão de o marcador de negação *não* vir expresso em frases como (16) se não tem a função de trazer o traço [iNEG]? Neste caso parece ser redundante (o que resultaria numa violação séria do princípio de economia) e ainda por cima não parece contribuir à interpretação da frase.
2. Como é possível que o marcador de negação *não* na frase (22), que é aceitável para ambas as fases diacrónicas na evolução do português, PA e PPC, traz uma vez o traço [uNEG] (no PA) e outra vez o traço [iNEG] (no PPC) sem qualquer impacto sobre a realização morfo-fonética da frase.

(22) Isto não revela nada.¹⁶

Negação no Português Brasileiro Contemporâneo Falado

Ramos (2006) publicou um estudo muito interessante sobre o Português Brasileiro Contemporâneo Falado (PBCF) onde descreve as suas tendências de adotar novas estruturas de negação frásica. Há três estruturas a serem distinguidas – os exemplos foram tirados de Armstrong (2008):

NEG1 – com um marcador de negação pré-verbal. Esta estrutura é portanto idêntica à norma do PPC.

(23) O João **não** come carne.

NEG2 – com um marcador de negação pré-verbal e um pós-verbal; esta estrutura não pode ser considerada como comum no PPC mas conforme o que diz Matos (2003) – veja o seu exemplo (25) – é também aceitável dentro da norma do PPC, como uma forma de enfatizar a acção ou estado expressos pelo verbo e aparece tipicamente em exclamações. O *não* pós-verbal em NEG2 do PBCF tem segundo a nossa opinião, e não só, antes uma função de elemento enfático do que uma função de marcador de negação propriamente dito. É por isso que Schwegler (1986) propõe a chamá-lo elemento negativo enfático (*emphatic negative element*) ou simplesmente enfatizador (*emphatizer*) e distingue-o de um marcador pós-verbal regular, também denominado advérbio negativo, como por exemplo *pas* do francês que de facto advém de um enfatizador. Schwengler observa que tal repetição de elementos negativos é comum na família de línguas românicas¹⁷. É de chamar a atenção para

¹⁶ VICENTE, Gil. *Auto de Inês Pereira*.

¹⁷ Além do português brasileiro e europeu, Schwengler apresenta exemplos do espanhol, palenquero, chocó e alguns dialectos franceses..

o facto, que o elemento negativo enfático (24a) deve ser situado, em contraste com o advérbio negativo francês *pas* (24b) na posição final da frase. Quer dizer que não pode ser seguido por nenhum complemento do verbo. Cavalcante (2007) propõe então chamá-lo marcador final de negação frásica (sentence final negation marker) e atribui-lhe comportamento diferente do que têm advérbios negativos.

- (24a) O João **não** come carne **não**.
 (24b) Jean ne mange pas de la viande.
 (25) Não saio de casa hoje, não!

NEG3 – com apenas um elemento de negação pós-verbal; esta estrutura é completamente inaceitável pelo PPC. A posição e o comportamento do *não* pós-verbal é analógico com o estatuto do enfatizador em NEG2, trata-se neste caso também de um marcador final de negação frásica.

- (26) O João come carne **não**.

Ramos (2006) observa que o marcador de negação no PBCF reduz-se muitas vezes a uma forma monotongada *num* [nũ], à condição de esta ocorrer na posição pós-verbal (então apenas em NEG1 e NEG2). A redução fonética do marcador de negação pré-verbal (27) e a sua distinção da variante plena *não* (28) foi provavelmente um passo importante para o aparecimento de NEG3. O marcador de negação pré-verbal em NEG2 tornou-se opcional. Marquemos os passos seguintes como NEG1a e NEG2a.

NEG1a. (27) O João **num** come carne.

NEG2a. (28) O João **num** come carne **não**.

Segundo a nossa hipótese a evolução da negação frásica no PBCF tem seguido uma destas variantes (se não as duas ao mesmo tempo) de processo cronológico:

NEG1 → NEG2 → NEG2a → NEG3.
 NEG1 → NEG1a → NEG2a → NEG3.

Tais desenvolvimentos diacrónicos são característicos para várias línguas, por exemplo francês¹⁸ ou holandês e conhecemo-los como ciclo de Jespersen. Jespersen publicou em 1917 o estudo *Negation in English and other Languages*, em que introduziu o conhecido modelo de ciclo para esboçar a transformação gradual da negação frásica em várias línguas. Apresentou muitos exemplos, como prova de que as línguas tendem a seguir uma transformação num sentido comum:

¹⁸ No que diz respeito ao francês: este processo ainda não está concluído no francês padrão, apenas na variante coloquial.

- da fase I (a negação é expressa apenas por um marcador de negação, em estreita ligação com o verbo e colocado antes do verbo – esta fase corresponde à nossa forma NEG1)
- via a fase III (o marcador de negação ligado ao verbo tem que ser completado por um advérbio negativo que segue o verbo – veja-se a forma NEG2)
- via a fase V (o advérbio negativo é único marcador de negação que ocorre. Não há nenhum elemento negativo ligado directamente ao verbo – há analogia com a forma NEG3).

De volta à fase I; as fases II, IV e V correspondem a estados transitórios.

O estudo tipológico de Zeijlstra (2004) demonstrou no exemplo do holandês que o desenvolvimento da fase I até a fase V é um processo muito lento. No caso do holandês levou oito séculos. Temos plena consciência de que é impossível comparar uma mudança de norma escrita com uma transformação progressiva de tendências coloquiais, como apresenta por exemplo o PBCF. O princípio, porém, parece ser igual.

Voltemos agora ao PBCF. Já conhecemos as formas NEG1 (NEG1a), NEG2 (NEG2a) e NEG3. Todas têm o mesmo significado proposicional e são usadas ao mesmo tempo, portanto coexistem sincronalmente. Ramos (2006) demonstrou por uma análise quantitativa que a forma foneticamente reduzida *num*, assim como o uso do *não* pós-verbal, realizam-se sobretudo na expressão oral da geração de jovens, daí que a distribuição sociolinguística de variantes da negação frásica no PBCF está em vias de uma transformação progressiva. Uma outra observação importante foi feita por Armstrong e Schwenter (2005: 1): todas as três formas tem um estatuto informacional diferente. A forma canónica NEG1 é conveniente para negar afirmações com qualquer grau de acessibilidade. Em contrapartida, os NEG2 e NEG3 non-canónicos só se podem usar para negar afirmações que foram anteriormente activadas durante o discurso decorrente. A maior distinção entre o NEG2 e NEG3 é tal que o NEG3 requer que a afirmação negada seja explicitamente evocada no discurso enquanto que o NEG2 não. Neste caso é suficiente que a afirmação seja inferível na base do contexto da afirmação.

Daquilo que foi dito neste capítulo podemos concluir que a adopção de novas estruturas de negação frásica no PBCF (NEG2 e NEG3) de facto não constitui nenhuma ameaça para a gramaticalidade da estrutura NEG1, própria ao PPC, e portanto não parece ter qualquer impacto sobre a afirmação de que o PBCF é uma non-strict NC língua. Isto porque o elemento negativo *não*, aparecendo em posição pós-verbal, é de género enfático mais do que um marcador de negação propriamente dito. A sua análise detalhada seria antes uma tarefa para a pragmática do que para a sintaxe. O argumento que a sua forma morfo-sintáctica¹⁹ não

¹⁹ A forma reduzida ainda tem que ser considerada, segundo a nossa opinião, como apenas o primeiro passo na direcção de alterações de género morfo-sintáctico cujo resultado será

diverge da forma clássica do marcador de negação *não* é, a nosso ver, a favor de tal classificação. É óbvio que a repetição deste elemento na frase de tipo NEG2 tem certas funções pragmáticas (da ênfase). A estrutura NEG3 parece ser mais complicada deste ponto de vista uma vez que o marcador de negação pré-verbal é ausente. No entanto, Rizzi (1997) propõe uma solução que consiste na aproximação da unidade negativa situada à extrema direita do verbo como marcador da frase tópico (topic phrase marker). Este, à semelhança de elementos de polaridade negativa, atribui uma interpretação semântica negativa ou positiva à frase a que se segue sem ter qualquer impacto sintáctico sobre ela: é lhe acrescentado mecanicamente. Neste ponto o NEG3 não se distingue do NEG2 de modo significativo.

Conclusão final

A negação frásica e a Concordância Negativa em particular é uma área de estudo muito complexa sobretudo porque todo o sistema não tem uma composição fixa e ainda hoje continua a evoluir. O português constitui um caso exemplar. Nesta comunicação apresentámos a teoria de Zeijlstra e Penka em conformidade com a qual a razão principal para tal variação diacrónica é a mudança de estatuto semântico do marcador de negação *não*.

A actual non-strict NC língua evoluiu do Português Arcaico que pode ser considerado como uma strict NC língua que impede verdadeiros imperativos negativos. O marcador de negação era originalmente exigido para acompanhar sempre o verbo semanticamente negado mesmo em casos em que co-ocorreria com n-words pré-verbais. O marcador de negação tinha no Português Arcaico um carácter semanticamente non-negativo, pois estava numa relação de checagem, assim como todas outras unidades negativas, com um operador negativo abstracto que não estava morfo-foneticamente expresso na frase.

Só mais tarde é que o marcador de negação ganhou a função de um operador semanticamente negativo contra o qual outros elementos negativos da frase (chamados constituintes negativos fracos) deviam ser checados a fim de serem licenciados. Onde o marcador de negação não podia mais licenciar n-words devido a impedimentos sintácticos não era desejado que estivesse expresso na frase e era mais simplesmente substituído pelo operador negativo abstracto. Isto por razões de economia. Este estado persistiu até à norma actual do português.

A admissão de novas estruturas de negação frásica no Português Brasileiro Contemporâneo Falado prova que a forma de expressão da negação na frase continua a evoluir na direção prevista por Jespersen. É, no entanto, problemático de aplicar a teoria de Zeijlstra e Penka a estudo de construções inovadoras do Português Brasileiro Contemporâneo Falado. Esta variante do português pertence, sem

a evolução funcional do elemento: de marcador final de negação frásica para um advérbio negativo pós-verbal.

qualquer dúvida, a non-strict NC línguas. O desvio mais importante da norma consiste na maneira como o marcador de negação *não* é empregado: o *não* é posto na posição final da frase para dar a interpretação negativa ao conteúdo semântico da frase enfatizando-o ao mesmo tempo.

Bibliografia

- ARMSTRONG, Meghan; SCHWENTER, Scott. *Prosodic Correlates of Information Structure in Brazilian Portuguese Negation* [online]. Berkeley Linguistics Department, University of California – Berkeley [cit. 1.1. 2010]. Available at: http://linguistics.berkeley.edu/bls/past_meetings/bls34/abstracts34/Armstrong_Schwenter.pdf
- DIAS, Augusto Epifânio da Silva. *Syntaxe histórica portuguesa*. Lisbon: Livraria Clássica, 1918.
- DOČEKAL, Mojmír. History of Czech negative noun phrases. In *Development of Language through the Lens of Formal Linguistics*. Ed. Petr KARLÍK. Munich: Lincom Europe, 2010, p. 49-62.
- JESPERSEN, Otto. *Negation in English and other languages*. Koebenhavn, 1917.
- JOHNSON, Kyle. *Introduction to Transformational Grammar*. Fall: University of Massachusetts at Amherst, 2004.
- LAKA, Itziar. *Negation in Syntax: On the Nature of Functional Categories and Projections*. Doctoral dissertation, Cambridge MA, 1990.
- MATOS, Gabriela. Aspectos sintáticos da negação. In *Gramática da Língua Portuguesa*. Ed. Maria Helena MIRA MATEUS. Lisbon: Caminho, 2003, p. 769-793.
- NUNES, José Joaquim. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e morfologia)*. Lisbon: Clássica Editora, 1989.
- PENKA, Doris. *Negative Indefinites*. Doctoral dissertation, Universität Tübingen, 2007.
- PEREIRA DE ABREU, Sabrina. *A negação sentencial: da Teoria de Princípios e Parâmetros para o Programa Minimalista – uma investigação através do Português Brasileiro*. In *Actas XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Braga: Associação Portuguesa de Linguística, 1998, p. 9-19.
- RAMOS, Jânia Martins. O processo não > num na fala. In *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Ed. Jânia Martins RAMOS; Lorenzo VITRAL. Rio de Janeiro: UFMG, 2006.
- RIZZI, Luigi. The Fine Structure of the Left Periphery. In *Elements of Grammar*. Ed. Liliane HAE-GMANN. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1997, p. 281-337.
- SCHWENGLER, Armin. *Analyticity and syntheticity: a diachronic perspective with special reference to Romance languages*. Berlin: Walter de Gruyter, 1986.
- ZANUTTINI, Raffaella. *Syntactic Properties of Sentential Negation: A Comparative Study of Romance Languages*. Doctoral dissertation, University of Pennsylvania, 1991.
- ZEIJLSTRA, Hedde. *Sentential Negation and Negative Concord*. Doctoral dissertation, University of Amsterdam, 2004.

Fontes históricas disponível em: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>

- VICENTE, Gil. *Auto da Alma*.
- VICENTE, Gil. *Auto da Barca do Inferno*.
- VICENTE, Gil. *Auto da Mofina Mendes*.
- VICENTE, Gil. *Auto de Inês Pereira*.
- VICENTE, Gil. *O Velho da Horta*.

Abstract and keywords

The Sentential negation, and the negative concord in particular, is a complex phenomenon which is far from being diachronically invariable. We could observe on the example of Portuguese that the main reason for the diachronic variation in the field of negation is the changing semantical status of the sentential negative marker *não*, according to the theory developed by Zeijlstra and Penka. The non-strict negative concord language as it is now has developed from Archaic Portuguese which could be considered as a strict NC language. The negative marker was originally required to accompany the semantically negated verb at any time, even in the co-occurrence with pre-verbal n-words. The negative marker was semantically non-negative which means that it had to participate, together with the remaining negative elements in the sentence, in a feature checking relation with an abstract negative operator, free of phonological content. Later on, in the Contemporary Standard Portuguese, the negative marker adopted the function of semantically negative operator against which other negative elements in the sentence need to be checked. Where the negative marker couldn't license the n-words due to syntactical constraints it was not desirable, for the economy reasons, to appear anymore and was simply replaced by the abstract negative operator. The admitting of new structures of sentential negation in the Contemporary Colloquial Brazilian Portuguese is a proof that the system of sentential negation in Portuguese tends to evolve further in the common direction described by Jespersen. The Contemporary Colloquial Brazilian Portuguese is without doubts still a non-strict NC language which makes use of the negation marker *não* in a different way than it is common in the Standard Portuguese: it places it in the sentence final position to give a negative interpretation to the content of the sentence and to emphasize it at the same time.

Sentential negation, standard Portuguese, archaic Portuguese, colloquial Brazilian Portuguese, syntax, negative concord, evolution, interpretation, indefinites

